

Haiti: Primeira República Negra de Letras

Michael Dash

Eu delimito esta divulgação em três partes, a primeira se chama “a nova terra-mãe”, a segunda: “uma nova Literatura-mundo”, e a terceira: “Emma Bovary, somos nós”.

A nova terra-mãe

No estudo histórico *Os jacobinos negros*, publicado em 1938, C.L.R. James mostrou que a centralidade da revolução haitiana era devido ao fato que, pela primeira vez, no novo mundo, Africanos haviam tomado consciência de que eles formavam um povo moderno. Eles criaram uma visão nova da modernidade que mais tarde tornar-se-ia um elemento essencial do patrimônio do mundo negro.

Neste livro, James analisava também as demais consequências intelectuais da revolução de São Domingos. Graças à sua existência, as origens intelectuais do mundo negro não deviam ser encontradas nem nas antigas colônias, nem na África ancestral. Haiti não era a filha mais velha da África, mas tornou-se a nova “terra-mãe” ideológica, como afirmou Edouard Glissant, o lugar onde a luta anticolonial criou uma consciência coletiva, uma nova forma de pensar a questão racial, até mesmo, uma nova forma de conceber a identidade nacional. Por essas razões, na sua primeira peça *Senhor Toussaint*, Glissant imagina um espaço teatral onde não há restauração do passado histórico, mas

¹ Texto traduzido por Mackendy SOUVERAIN, mestre pela Universidade Federal do Pará. Celular: +55 91 98211 8912, e-mail: souverainmackendy@gmail.com

que é um lugar de trocas e de ressonâncias. Glissant pensa que a cela de Toussaint, em sua prisão do *Jura*, é um lugar de encontro que aciona o passado haitiano para um futuro desterritorializado. Olhar a revolução haitiana como um lugar de passagem aberta a todos, libera, portanto, o passado haitiano de duzentos anos de isolamento imposta pelo ocidente e, demonstra que a herança revolucionária do Haiti não é limitada nem a um país e nem apenas a um povo. Consequentemente, em *Senhor Toussaint*, a Revolução Haitiana abrange diversos âmbitos – âmbitos caribenhos e hemisféricos tanto como âmbitos africanos e europeus. Ainda que a peça se desenrole na cela do forte de Joux, Toussaint está em diálogo constante tanto com personagens do passado quanto com seus contemporâneos. Mudança de cenário da história, deslocamento física e metafórico do herói, são os recursos que Glissant usa para pôr a ênfase sobre a dimensão internacional do episódio revolucionário haitiano.

De vários pontos de vista, esta terra matriz criou uma revolução original que ultrapassava tanto os limites ideológicos e intelectuais quanto as fronteiras do imaginário. O que proporcionou aos revolucionários de São Domingos para realizar uma obra original, segundo o historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot, era o fato de que “the haitian revolutionaries were not overly restricted by previous ideological limits set by professional intellectuals in the colony or elsewhere, They could break new ground – and indeed did so repeatedly”². James abordou esta questão de uma maneira relativamente misteriosa em *Os jacobinos negros*. Ele insinuou que os escravos de São Domingos haviam assimilado o essencial do projeto revolucionário francês ao associar universalismo e direitos humanos. Desse modo a natureza humana se tornava transcultural e supra histórica, para além das características regionais ou étnicas. Para James, os escravos tinham entendido o princípio de universalidade dos direitos humanos e tinham de usá-lo pela sua própria situação. “They had heard of the Revolution and had construed it in their own image: the white slaves in France had risen, and killed their masters, and were now enjoying the fruits of the Earth. It was gravely inaccurate in fact, but they had caught the spirit of the thing”³. O que James chama “O espírito da coisa” é o elemento essencial do radicalismo da revolução de São Domingos.

A utilização radical do espírito revolucionário, o “intraduzível” “espírito da coisa”, permitiu que se concedesse aos cidadãos negros a igualdade de direitos. Em outras palavras, ela tornou possível a realização de um projeto político que a princípio não estava presente nem na revolução francesa, nem na revolução americana, ambas mais reacionárias que a revolução haitiana.

No entanto as reflexões de James ficaram no papel. Um ano apenas após a publicação dos *Jacobinos negros*, Aimé Césaire começava a publicar o *Caderno de um retorno ao país natal*, poema no qual ele fazia da revolução haitiana um símbolo da redenção racial e retratava Toussaint sob os traços de um herói restaurando a dignidade do povo negro. O poema liga o projeto revolucionário haitiano com a ideologia da negritude numa fórmula célebre: “Haiti,

2 Os revolucionários haitianos não eram excessivamente restringidos por limites ideológicos anteriores estabelecidos por intelectuais profissionais na colônia ou em outro lugar. Eles podiam abrir novos caminhos - e de fato o fizeram repetidamente.

3 Eles tinham ouvido falar da Revolução e a construíram à sua própria imagem: os escravos brancos na França haviam se levantado e matado seus senhores, e agora estavam desfrutando dos frutos da terra. Na verdade, era gravemente impreciso, mas eles haviam captado o espírito da coisa.

onde a negritude se levantou pela primeira vez”⁴. A interpretação de Césaire da revolução haitiana é àquela de uma luta heroica realizada por um povo isolado que, “seul contre tous, s’est libéré de l’esclavage”⁵. Césaire insistiu muito sobre as dimensões raciais e épicas da revolta dos escravos de São Domingos. Por exemplo, no poema *O verbo marronner*, no qual ele convidava René Depestre a isolar (marronner) o partido comunista e os conselhos poéticos de Luis Aragon, ele reclamava ao poeta haitiano de não deixar de lado a “canção demente de Boukman dando à luz ao seu país ao forceps da tempestade”. Se prestarmos atenção a Césaire, na verdade é Boukman quem deu origem à nação haitiana em *Bois Caïman*. O poeta martinicano prioriza, portanto, as expressões de fuga (marronnage), da afirmação racial e do sangue. Ele vê em Boukman um negro fundamental e pioneiro cuja “canção demente” deveria orientar Depestre.

A popularidade do *Caderno* não deve, no entanto, nos dar a entender que a interpretação de Césaire da revolução haitiana triunfou. De fato, do século dezenove até o século vinte e um, a visão humanista e globalizante da revolução como evento ultrapassando as fronteiras reais e simbólicas do país onde ocorreu, manifestou-se em muitas ocasiões em estudos literários que procuravam defender a herança revolucionária.

Uma primeira Literatura-mundo

Se a ideia de um universalismo revolucionário tem sido preservada na literatura negra, é antes de tudo obséquio aos intelectuais haitianos do século XIX. Muitos dos intelectuais dessa época contestavam a ideia da singularidade haitiana em seus estudos da realidade cultural e política do país. Eles haviam percebido que a ideia da natureza excepcional do Haiti foi devida com a aparição de um discurso racista que buscava excluir Haiti da cena mundial. Michel-Rolph Trouillot lembra-nos que:

“Before the twentieth century; Haitian writers rarely if ever promoted singularity in their studies of Haitian reality. Indeed, Haitian intellectuals rightly saw the theories of haitian exceptionalism that were spreading in Europe and North America as implicit – and often explicit – racist... these writers did not think that Haiti escaped the paradigms of their times”⁶.

Assim, Trouillot mostra que, desde o início, os intelectuais haitianos, fiéis ao anúncio universal da revolução, contestavam os processos de marginalização dos quais seu país foi vítima por causa da sua suposta particularidade racial e cultural. Num contexto político mundial em que diferentes potenciais coloniais dividiam entre si o mundo, essa posição era profundamente radical.

Para ilustrar essa postura intelectual, referimo-nos a Anténor Firmin que, no final do século dezenove, se baseou no ideal humanista para refutar as teses de Joseph-Arthur de Gobineau sobre a hierarquia racial. Em seu monumental *A igualdade das raças humanas*, ele

4 Haiti onde a negritude se levantou pela primeira vez.

5 Sozinho contra todos, libertou-se da escravidão.

6 Antes do século dezenove, os escritores haitianos raramente ou nunca promoveram a singularidade em seus estudos da realidade haitiana. Na verdade, os intelectuais haitianos acertadamente viram as teorias do excepcionalismo haitiano que estavam se espalhando na Europa e na América do Norte como implicitamente - e muitas vezes explicitamente - racistas ... esses escritores não achavam que o Haiti escapou dos paradigmas de seus tempos.

chega à conclusão de que os seres humanos tinham qualidades iguais em todas as partes e que todos eles estavam ligados por “uma corrente invisível” que é sua humanidade comum. De seu exílio em São Tomé, ele criticava extremadamente a xenofobia que havia traído o ideal da modernidade inaugurada pela revolução e notava numa confederação caribenha o único meio de resistir ao neocolonialismo americano.

Ultimamente, no século vinte, a dimensão da obra de Jacques Roumain não poderia se avaliar unicamente ao êxito do mito fundador da nação, que criou. Seu romance *Senhores do Orvalho*, revelou também a que ponto ele era sensível à globalização da cultura popular. Diferentemente dos adeptos do *noirisme*, Roumain não achava que a esperança de uma mudança revolucionária estava na figura do foragido firmado no interior do país. Para ele, essa esperança era levada pelo proletário, politicamente radicalizado, que o imperialismo americano havia forçado à migração. Roumain era consciente de que a cultura camponesa de seu país não existia mais em estado de isolamento absoluto e que os movimentos dos comerciantes e dos especuladores que emparelhavam rotineiramente campanha às cidades, interligava cultura camponesa e cultura urbana.

Colocou-se muito a ênfase na maneira pela qual o lirismo poético do *Senhores do Orvalho* associa-se estreitamente à evocação mística do espaço haitiano. Todavia, se esquece que há também no texto aquela poesia surgida da pluralidade cultural, em uma palavra, da hibridação. Manuel, cujo nome reúne ao mesmo tempo o familiar e a insólita, o banal e o divino, não é somente o dono das nascentes, mas também das intercepções. A viagem que o leva para as plantações de Cuba, ensina a ele que o expansionismo americano tornava retrógrado os conceitos de identidade territorial e de espaço cultural restrito. Essa viagem lhe proporcionou a reinterpretação da prática tradicional do *coumbite*⁷ à fulgor da sua experiência da *huelga* (a greve). Para ele, já não se tratava mais de camponeses da mesma comunidade trabalhando a terra do seu vizinho ou do seu irmão. A afinidade de sangue cedia para uma nova realidade econômica ou àquela do trabalhador migrante na cena mundial. As enxadas, cintilando no sol, dos camponeses prometeicos de Fonds Rouge, foram substituídas pelos punhos dos grevistas e o som do tambor pelo “Um NÃO de mil vozes que são uma e que caem na mesa do patrão com o peso de uma pedra”. De certa forma, a paisagem pastoral deixa lugar à paisagem de resistência com que forma os ombros dos trabalhadores solidários: “Estamos unidos como os ombros das montanhas e quando a vontade do homem se torna alta e dura como as montanhas, não há forças na terra ou no inferno para sacudi-la e destruí-la”.

O que faz a força do imaginário de Roumain, é que ele era capaz de prever e predizer o empecilho das pesquisas do atavismo cultural do movimento nativo haitiano dos anos 1920. Ele notificava aos leitores haitianos, que era muito arriscado viver em isolamento cultural.

Emma Bovary, somos nós

Como relatou anteriormente, Edouard Glissant é quem mais se esforçou para pensar a revolução como um espaço aberto, um lugar de encontro. Tal como havia realçado Victor Segalen, o autor com mais influência sobre Glissant, o importante não é descrever um objeto

⁷ Trabalho sazonal realizado em comum.

“mais [d’]en donner un équivalent poétique”⁸. Essa ideia foi efetivada em *Senhor Toussaint*, em que Glissant descreveu como uma tentativa poética de apreender o passado haitiano “dans son épaisseur”⁹. Glissant quis resistir ao desejo de reproduzir a revolução. Ele não buscou restituir o passado, mas de reconstituí-lo poeticamente como um lugar de trocas e de ressonâncias.

A questão da representação poética da realidade é de vital importância, ainda mais agora em que há uma tendência para associar o projeto de uma Literatura-mundo com retorno do referencial. Michel le Bris, por exemplo, critica duramente a preocupação textual e formalista da literatura francesa contemporânea e repara na literatura francófona um desejo de recorrer-se para o mundo e de escrevê-la diretamente. Édouard Glissant, que se vê como solitário e solidário no projeto de Literatura-mundo, crítica de forma indireta uma simplificação perigosa que ele caracteriza de literalidade, isto é, o desejo de tornar o real transparente que se manifesta nas palavras de Le Bris. O que ele propõe é a busca de uma poética para expressar um real que é imprevisível e opaco.

A questão da representação do real haitiano foi de uma importância primordial no século dezenove. Por exemplo, nas páginas do jornal *Le Républicain*, em outubro 1836, Emile Nau sugeriu o conceito de mestiçagem cultural como uma forma de definir a identidade haitiana. Ele percebia na fusão das culturas africanas e europeias algo que fazia o haitiano tão menos francês quanto o americano branco não era inglês. Desde então, colocava-se o problema da representação de um processo inacabado, de um processo capaz de gerar uma nova ordem de diferenciação no mundo. Todas as tendências literárias do século dezenove tentaram, em vão, reagir a esse dilema. Nem o romantismo, nem o realismo e nem o simbolismo conseguiram fornecer aos haitianos os instrumentos necessários para dispor o problema da representação. Os intelectuais haitianos tinham percebido que isso não era uma mera questão de diálogo com o mundo, mas sim que eles faziam também parte do mundo. Isso é uma consciência da força estruturante do mundo que eles eram incapazes de sistematizar esteticamente.

Durante a ocupação americana Jean Price-Mars tentou fixar a identidade nacional em *Assim fala o tio* (1928). Ao tentar promover o ideal de uma autenticidade cultural para Haiti, ele usou o conceito de bovarismo que Jules de Gaultier definiu como “o poder do homem de se conceber como outro que ele não é”. Price-Mars tinha usado essa ideia para criticar o que ele considerava como a alienação cultural ou o bovarismo coletivo da elite haitiana. Ele pleiteava aos haitianos de parar de negar seu “eu coletivo” e para se recorrer ao passado africano. Mais tarde, o *Duvalierisme* se servira particularmente da ideia do “eu coletivo” para legitimar uma ditadura negro e para atormentar a elite mulata.

A literatura pós-Duvalierista ia manifestar o seu desejo para romper com a perspectiva reducionista de Price-Mars e para repensar os termos do bovarismo ao recusar de estabilizar a diferenciação haitiana. O dilema que Emile Nau havia levantado em 1836, portanto, reaparece. Como representar o real haitiano? Pour Price-Mars uma sociedade que se pretende ser o que não é, é uma sociedade alienada. Para um autor contemporâneo como Dany Laferrière, é tudo o contrário. Ele consagrou seu penúltimo romance, *Eu sou um escritor japonês* (2008), “a todo aquele que deseja ser outro”. Essa dedicatória parece ser uma resposta direta e provocante à visão da identidade haitiana monolítica muito querido a Price-Mars e aos *noiristes* de François

8 Mas [para] dar um equivalente poético

9 Em sua espessura.

Duvalier. A desaprovação do *noirisme* haitiano, sem dúvida, se encontra na obra toda do Laferrière, porém ela é particularmente marcante no seu romance autobiográfico *País sem Chapéu* (1996), que, aliás, é uma resposta ao *Caderno de um retorno ao país natal* de Césaire. Nesse romance que trata de um retorno ao país após uma longa ausência, o narrador faz uma visita ao etnógrafo J-B Romain, um discípulo de Price-Mars. Romain confessa que ele é um homem do passado e quando “sou perguntado sobre minha opinião a respeito de estórias que estão se desenrolando diante dos meus olhos, eu preciso de tempo. Em minha análise sobre o Haiti, entenda que eu ainda estou na África.”¹⁰.

Também o narrador ironizou o doutor Legrand Bijou que pretende ver no interior haitiano o lugar de uma harmonia entre o homem e a natureza. Ao elaborar sua teoria de uma fotossíntese cultural, Bijou declara que “o *créole* de Bombardopolis é o ser mais puro do Haïti” porque “os habitantes de Bombardopolis se transformaram em plantas”.

No paratexto, no final do livro, Laferrière retoma diretamente à questão do bovarismo e da representação do real haitiano. Ele evoca, portanto, a história que deu origem ao livro, que é a história do seu vizinho, Baptiste, um pintor que produzia pinturas irreais. Quando um jornalista americano pergunta a Baptiste por que ele não faz o retrato do país real, Baptiste responde que ele não precisa fazê-lo, já que ele o sonha. Ao invés de copiar a realidade, Baptiste prefere representar poeticamente um real que fica enigmático e impenetrável. Quanto para Emma Bovary, em Baptiste, o sonho substituiu o real. Ao final, esse pintor se torna o modelo do artista ideal para Laferrière. No seu último romance *O Enigma do Regresso* (2009), quando o sobrinho do narrador fala para seu tio que ele sente “uma crescente distância entre si e a realidade,” o tio o responde: “Talvez seja este o seu espaço para escrever”.

Ao repensar a questão do bovarismo e ao retomar a importância do sonho para retratar o real, Laferrière nos lembra implicitamente que o projeto político da criação da nação haitiana sempre teve uma dimensão poética. Ele sempre foi uma tentativa de sonhar, de inventar um povo novo, de refutar o determinismo das origens biológicas para afirmar uma modernidade enraizada na história. A grande intenção da literatura haitiana sempre foi de seguir com esse sonho profundamente poético e político.

10 Quando sou questionado sobre minha opinião sobre histórias que se desenrolam diante de nossos olhos. Preciso de tempo. Na minha análise do Haiti estou ainda na África, você entende.

Texto original:

Michael, DASH. “Haïti première république noire des lettres”. *Les actes de colloques du musée du quai Branly Jacques Chirac* [En ligne], 3 | 2011, mis en ligne le 21 avril 2011, consulté le 07 septembre 2020. URL: <http://journals.openedition.org/actesbranly/480>; DOI: <https://doi.org/10.4000/actesbranly.480>

Sobre o autor:

Michael DASH

Nascido em Trinidad e Tobago em 1948, J. Michael Dash foi professor do Departamento de Francês da Universidade de Nova York. Ele era um especialista em literatura e cultura do Haiti sobre as quais ele publicou várias obras, entre elas, *Literature and ideology in Haiti* (1981), *Haiti and the United States* (1988) e *Culture and Customs of Haiti* (2001). Também ele escreveu um livro sobre Edouard Glissant e traduziu três livros dele. Faleceu em 2019.